

# Considerações sobre o modal teleológico

Nathália Gravonski Codinhoto\*

Núbia Ferreira Rech\*\*

## Resumo

Este artigo apresenta propriedades sintáticas e semânticas do auxiliar modal teleológico. Tendo por base autores como Sæbo (2001; 2017), Von Fintel e Iatridou (2005) e Copley (2010), abordamos aspectos relativos à construção em que esse modal figura, mostrando suas diferenças em relação a outros modais de raiz — interpretados em posição baixa na estrutura. Mostramos como um modal teleológico relaciona proposições que descrevem “meio” e “meta”. Essa relação revela que o modal teleológico corresponde a um operador que seleciona dois argumentos: um correspondente à sentença matriz, que descreve o “meio”; e outro, à sentença encaixada, que descreve a “meta”. Abordamos também fatores como orientação modal e coocorrência com um item de polaridade negativa. Constatamos que o modal teleológico é interpretado em posição baixa na estrutura, uma vez que é orientado para um dos participantes do evento VP (Sintagma Verbal). Quanto à negação, verificamos que esta inverte a força do item modal teleológico — de necessidade para possibilidade, rompendo, assim, a biunivocidade da relação entre meio e meta.

Palavras-chave: Modalidade teleológica. *Anankastic conditional*. Relação meio e meta. Orientação modal. Negação.

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina. Graduanda em Letras (UFSC). Bolsista CNPq. ORCID: 0000-0001-9716-7381.

\*\* Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Linguística (UFSC). Professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e da Pós-Graduação em Linguística da UFSC. ORCID: 0000-0002-9278-2702.

# Some considerations on the teleological modal

## Abstract

This paper presents syntactic and semantic properties of the teleological modal. Based on authors Sæbo (2001; 2017), Von Stechow & Iatridou (2005) and Copley (2010), we approach some aspects related to the construction in which this modal appears. We show its differences in relation to the other root modals — interpreted in a low position in the structure. We show how a teleological modal relates propositions that describes ways and goals. This relationship reveals that the teleological modal corresponds to an operator that selects two arguments: one corresponding to the matrix sentence, which describes the way; and another one, to the embedded sentence, which describes the goal. We also address factors such as modal orientation and co-occurrence with a negative polarity item. We find that the teleological modal is interpreted in a low position in the structure, since it is oriented to the participants of the VP (Verbal Phrase) event. As for negation, we find that it reverses the strength of the teleological modal item — from necessity to possibility, thus breaking the biunivocity of the relationship between ways and goals.

Keywords: Teleological modal. Anankastic conditional. Relationship between way and goal. Modal orientation. Negation.

Recebido em: 31/03/2020

Aceito em: 14/07/2020

## Introdução

Este artigo visa a contribuir com a descrição dos verbos auxiliares modais no português brasileiro (PB). Nosso enfoque aqui é o auxiliar modal com interpretação teleológica. Com base em Sæbo (2001; 2017), Von Fintel e Iatridou (2005) e Copley (2010), discutimos aspectos relativos à construção modal teleológica, que, segundo esses autores, está atrelada à construção gramatical *anankastic conditional*.<sup>1</sup>

Neste estudo, ainda preliminar, sobre a construção teleológica, nosso objetivo foi apresentar o comportamento de um auxiliar modal com essa interpretação quanto à relação entre meio e meta, que caracteriza esse tipo de construção; quanto à orientação modal, atentando para os participantes envolvidos na construção; e quanto à ocorrência com um elemento de negação, mostrando que este tem escopo sobre o item modal.

Esta pesquisa está ancorada nas propostas de Cinque (1999) e Hacquard (2006; 2010), para quem os auxiliares modais correspondem a itens funcionais que ocupam diferentes posições na estrutura da sentença: modais altos são interpretados acima das categorias de tempo e de aspecto, como o epistêmico; e modais de raiz, dentre os quais está o teleológico, são interpretados abaixo dessas categorias. Uma das principais evidências apresentadas por Cinque (1999) para o ordenamento dos núcleos funcionais modais na hierarquia foi a (im)possibilidade de carregarem marca de tempo. Na esteira da proposta de Cinque, Hacquard (2006) estabelece duas posições (alta e baixa) para a interpretação de um item modal na estrutura, postulando uma variável de evento nessas posições, às quais o item modal poderia ser relativizado.

---

<sup>1</sup> Aspectos relativos à estrutura correspondente a essa construção são apresentados na seção 2.

Assim, fatores como orientação do modal a um determinado participante — pertencente ao evento VP (baixo) ou ao evento de fala (alto) — e a relação do modal com um item de negação auxiliam na compreensão de aspectos sintáticos atuantes na interpretação de um modal.

O artigo está organizado de forma a, na seção 2, apresentar uma discussão, com base na literatura, de aspectos relativos à definição de um item modal teleológico. Na seção 3, são abordadas algumas importantes propriedades características da construção teleológica: quanto à relação entre “meio” e “meta” (subseção 3.1); quanto à orientação modal (subseção 3.2); e quanto à ocorrência com a negação (subseção 3.3). Por fim, na seção de considerações finais, apontamos as principais contribuições desta pesquisa.

## 2 Modal teleológico e a estrutura *anankastic conditional*

De acordo com Von Stechow e Iatridou (2005), um modal teleológico especifica o que tem que ser feito para se atingir um objetivo já estabelecido. Os autores baseiam essa definição em uma construção que denominaram *anankastic conditional*, fenômeno identificado anteriormente por Sæbo (2001).<sup>2</sup> Essa construção gramatical engloba três elementos em sua composição: uma *if-clause* condicional acompanhada do verbo *want* (querer); uma sentença modal com o verbo auxiliar *have to* (ter que), que adquire interpretação teleológica; e a expressão de

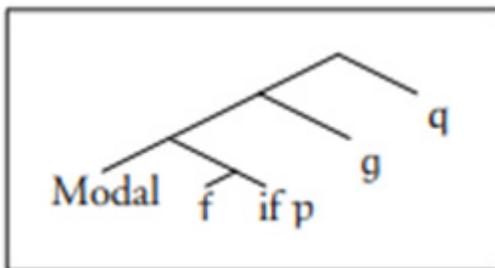
---

<sup>2</sup> Para Sæbo (2001, p. 429), uma sentença na forma “if ... want to  $\phi$ , must  $\psi$ ” expressa que  $\phi$  é uma condição necessária para  $\psi$ . O autor afirma em relação ao par de sentenças a seguir: (i) a. You want to go to Harlem. b. You take the A train, que (i) não expressa a relação entre  $\phi$  (a proposição interna) e  $\psi$ , mas a relação entre a proposição “... want to  $\phi$ ” (a proposição externa) e  $\psi$ .

um “objetivo ‘hipotético’ expresso na *if-clause* para substituir ou prevalecer sobre quaisquer objetivos conflitantes que você tenha”. (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 5).

Os autores observam, ainda, que um modal com interpretação teleológica de necessidade seleciona uma base modal circunstancial e uma fonte de ordenação baseada em objetivos.<sup>3</sup> Para ilustrar a seleção desse item modal, Von Fintel e Iatridou (2005, p. 4) apresentam a estrutura em (1):

(1)



em que *f* corresponde à base modal; e *g*, à fonte de ordenação. Para Von Fintel e Iatridou (2005), o *insight* básico da discussão que aparece em Sæbo (2001) é que o antecedente da construção *anankastic conditional* serve para mudar a fonte de ordenação do modal teleológico (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 6). O exemplo em (2), transcrito dos autores (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 8), exemplifica esse tipo de construção:

(2) [NEC if you want go to Harlem] [have-to (you take the A train)]

[NEC se você quiser ir para Harlem] [tem que (você pegar o trem A)]

“Se você quiser ir para Harlem, você tem que pegar o trem A.”

---

<sup>3</sup> “In the relevant reading, the lower modal has the practical necessity/teleological interpretation, that is, its modal base will be circumstantial, its ordering source will be goal-based.” (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 8).

Note que a construção em (2) envolve uma sentença condicional, que faz parte de uma sentença encaixada, que expressa o objetivo (ir para Harlem), e uma sentença modal, que, segundo os autores, apresenta uma parte essencial do meio para se atingir o objetivo (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 19). Sæbo (2017, p. 5-6) observa que, em uma construção *anankastic conditional*, a sentença do tipo *if-clause*, que manifesta intenção ou obrigação, pode ser também do tipo *to-clause*: “[to go to Harlem] [have-to (you take the A train)]/[para ir a Harlem] [tem que (você pegar o trem A)]”.

Também com base na estrutura *anankastic conditional*, Von Fintel e Iatridou (2005) propõem que a oração infinitiva, que expressa o objetivo, é uma realização sintática de um argumento do auxiliar modal teleológico.<sup>4</sup> Para derivar a interpretação do modal teleológico, os autores apresentam a seguinte fórmula: “para p, deve q”, na qual “p” é a sentença encaixada que seleciona um argumento sintático InfP (*to-clause*), e “q” é uma parte essencial de um meio para se atingir p, recriando-se, assim, a construção gramatical denominada *anankastic conditional* (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 15). Essa proposta é adotada também por Copley (2010).

### 3 Propriedades de uma construção modal teleológica

Nesta seção, enfocamos algumas propriedades do modal teleológico. Inicialmente, mostramos, na subseção 3.1, como se estabelece a relação entre o meio e a meta em uma construção modal teleológica. Na sequência, subseção 3.2, abordamos o

---

<sup>4</sup> “[...] this analysis would treat the to-infinitive as an argument of the teleological modal.” (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 15).

fator orientação modal, mostrando a relação entre o participante sobre o qual recai a ideia modal e o evento ao qual o item modal está relativizado. Por fim, na subseção 3.3, tratamos da relação entre o modal teleológico e a negação.

### **3.1 Sobre a relação entre o meio e a meta**

Von Fintel e Iatridou (2005, p. 19) associam as noções de meio e meta à construção modal teleológica ao postularem que essa construção relaciona uma proposição (q) que corresponde a um meio essencial para se alcançar uma meta (p). Essa relação foi formalizada pelos autores conforme (3):

(3) para p, deve q é verdade em w relativo à base modal  $f(w)$  se e somente se todos os mundos em  $f(w)$  onde p é atingido são mundos q.<sup>5</sup>

A literatura sobre modal teleológico descreve a relação entre meio e meta com exemplos em que um ou mais de um meio é associado a uma única meta. É importante notar, contudo, que esse modal figura também em construções em que um único meio é associado a diferentes metas, que podem ou não ser interdependentes, como mostraremos ao longo desta subseção.

O exemplo (4), a seguir, ilustra os casos contemplados na literatura, em que um meio, como em (4a), ou mais de um meio, como em (4b), está associado a uma única meta:

---

<sup>5</sup> “to p, must q is true in w relative to modal base  $f(w)$  if all the worlds in  $f(w)$  where p is achieved are q-worlds.” (VON FINTEL; IATRIDOU, 2005, p. 15).

- (4) a. Para ser aprovado na disciplina, você tem que ter 70% de frequência.
- b. Para ser aprovado na disciplina, você tem que ter 70% de frequência, tem que acertar 70% da prova e tem que entregar o trabalho final.

Em ambas as sentenças, a meta a ser atingida é “a aprovação na disciplina”. A diferença entre as sentenças está na quantidade de eventos atrelados a essa meta: em (4a), o meio é expresso por um único evento (ter 70% de frequência), enquanto, em (4b), por três eventos distintos (ter 70% de frequência, acertar 70% da prova e entregar o trabalho final). Logo, o modal teleológico é empregado em contextos nos quais um participante (sujeito da sentença matriz) precisa realizar um evento ou uma sequência de eventos com um determinado objetivo — o qual é descrito na sentença encaixada. Cabe ressaltar que, nessa situação, se tem um único objetivo não desmembrável em partes; como consequência, o meio (4a) ou os meios (4b) levam a se atingir a totalidade da meta, não possibilitando que se atinja apenas parte dela.

O auxiliar modal teleológico figura também em construções em que a meta descrita pode ser atingida de forma parcial ou total, diferentemente do exemplo (4). É importante notar que, nesses casos, há uma correlação entre cada uma das partes de forma que a realização de uma depende de a outra ter sido atingida. O exemplo (5), transcrito de Franke (2006, p. 20), ilustra esse caso:

(5) In order to fly comfortably, you have to fly with B.

“Para voar confortavelmente, você tem que voar com B.”

O cenário descrito pelo autor é o de um cliente em uma agência de viagens com a intenção de voar para Xangai. Nesse contexto, há duas linhas aéreas disponíveis que voam para Xangai (A e B) e uma terceira que vai para Tóquio (a linha C); o autor observa que, dessas três linhas aéreas, apenas B e C são confortáveis para viajar. Nesse contexto, o enunciado (5) garantiria que a totalidade da meta (voar confortavelmente) fosse atingida. Contudo, se o cliente voasse com a linha A, ele chegaria a Xangai, mas não confortavelmente; logo, apenas parte da meta seria atingida. Supomos uma outra situação em que esse mesmo cliente voasse com a linha aérea C, que é confortável, mas não vai para Xangai. Nesse caso, a meta não seria atingida nem parcialmente, uma vez que “voar confortavelmente” é um objetivo incluso em outro mais amplo, que é “voar para Xangai”. O autor formaliza essa relação, mostrando a interseção entre os dois objetivos (ir para Xangai e viajar com conforto):  $Nec (p \wedge r, q)$ , em que  $p$  corresponde a “ir para Xangai”;  $r$  corresponde a “viajar com conforto”; e  $q$  corresponde a “usar a linha aérea B”. Observe-se que o meio ( $q$ ) permite que se atinja a totalidade da meta ( $p \wedge r$ ). A escolha pela linha A garantiria que se atingisse a meta apenas parcialmente, ou seja:  $p$ .

Mostramos, a partir do exemplo (6), que o modal teleológico pode ser empregado, ainda, em construções que associam um único meio a metas não interdependentes:

- (6) Para treinar, tomar banho, ir ao mercado e chegar em casa antes do meio-dia, você tem que acordar às 5 horas.

A meta descrita em (6) parece ser a realização de todos os eventos (treinar, tomar banho, ir ao mercado e chegar em casa

antes do meio-dia), e o evento “acordar às 5 horas” corresponde ao meio para se atingir a totalidade da meta. Se o sujeito estiver disposto a minimizar o esforço e acordar às 8 horas, em vez de acordar às 5 horas, a meta será comprometida, sendo possível a realização de apenas dois ou, no máximo, três dos quatro eventos descritos. Cabe observar que não há, nesse caso, um ordenamento rígido entre as etapas da meta, como ocorre em (5), em que “voar confortavelmente” só integra a meta se integrar o evento “viajar para Xangai”.

O modal teleológico pode também figurar em construções nas quais se descreve um único meio para se atingir metas que estabelecem algum tipo de relação entre si. O exemplo (7), a seguir, ilustra esse caso:

(7) Para ser campeão da Série B e subir para a Série A, o Grêmio tem que fazer 5 gols.

Em (7), o evento “o Grêmio fazer 5 gols” é descrito como o meio para se atingir as duas metas descritas nas sentenças encaixadas (ser campeão da Série B e subir para a Série A). É possível imaginar uma situação em que o evento “o Grêmio fazer 5 gols” não se realize e, mesmo assim, uma das metas seja atingida. Por exemplo, o Grêmio faz 3 gols, e esse resultado é suficiente para que o time seja campeão da Série B, mas não necessariamente para subir para a Série A. O evento “o Grêmio fazer 5 gols” descreve o meio para que o time atinja não uma única meta, mas as duas metas concomitantemente.

Constatamos, ainda, que a meta pode ser expressa não apenas por uma sentença encaixada, mas também sob a forma de um constituinte, conforme mostra o exemplo (8):

(8) Os passageiros com destino à cidade de Porto Alegre devem/têm que pegar o voo 703.

Em (8), ocorre o emprego de um auxiliar modal teleológico em uma sentença simples. Nesse caso, o item lexical “destino”, que integra o constituinte correspondente ao sujeito da sentença, carrega em si mesmo a ideia de meta/objetivo quando atrelado a eventos de deslocamento, como é o caso em (8). Note que uma paráfrase para a sentença (8), sem o emprego desse item lexical, requer o uso de uma sentença complexa introduzida pela preposição “para”, como em (9):

(9) Para ir à cidade de Porto Alegre, os passageiros devem/têm que pegar o voo 703.

O modal teleológico pode, então, ser definido como um operador que seleciona dois argumentos:

(i) o argumento correspondente à sentença matriz, que pode descrever um evento, como em (4a), ou uma sequência de eventos, como em (4b), na direção de se atingir um único objetivo; ou descrever um evento na direção de se atingir mais de um objetivo, como em (7);

(ii) o argumento correspondente à sentença encaixada — que pode também ser expresso sob a forma de um constituinte se este contiver o item lexical “destino”, como em (8) —, que descreve a finalidade para a realização do(s) evento(s) descrito(s) na sentença matriz. Esse argumento pode conter um único objetivo a ser atingido, como em (4a), (4b), (8) e (9), ou mais de um objetivo, como em (7).

Em relação à força modal, Copley (2010) observa que o modal teleológico não apresenta variação, sendo empregado apenas em contextos de necessidade, como se depreende da seguinte formalização: “para  $p$  tem que/deve  $q$  é verdade em um mundo  $w$  relativo a um conjunto de mundos  $m(w)$  se e somente se todos os mundos em  $m(w)$  nos quais  $p$  é atingido também tem  $q$ . Isto é,  $m(w) \cap p \subseteq q$ ” (p. 2),<sup>6</sup> em que  $p$  é um subconjunto de  $q$ , e  $q$  é a proposição que descreve o meio.

De acordo com Von Fintel e Iatridou (2005, p. 2), um modal teleológico especifica o que pode ou deve ser feito para se atingir uma dada meta. Os autores observam que uma construção com esse modal não apresenta, necessariamente, um único meio de se atingir uma meta, mas o melhor meio. Em relação ao exemplo a seguir, transcrito de Von Fintel e Iatridou (2005, p. 15):

(10) To go to Harlem, you have to/ought to take the A train (because then you might meet Ruud van Nistelrooy).

“Para ir a Harlem, você **tem que/deveria** pegar o trem A (porque assim você pode encontrar Ruud van Nistelrooy).”

os autores observam que, no cenário descrito, há outras possibilidades para se atingir a meta “to go to Harlem” (ir para Harlem), como “pegar o trem C”, mas, de acordo com o enunciador, o trem A é a escolha ideal; logo, o modal teleológico expressa, segundo os autores, não o único meio de se atingir determinada meta, mas o melhor meio, o meio que se destaca dentre outras possibilidades.

<sup>6</sup> “to  $p$ , must  $q$  is true in world  $w$  relative to a set of worlds  $m(w)$  iff all worlds in  $m(w)$  in which  $p$  is achieved also have  $q$  — i.e.,  $m(w) \cap p \subseteq q$ .” (COPLEY, 2010, p. 2).

### 3.2 Sobre a orientação modal

De acordo com Hacquard (2006; 2010), um núcleo modal pode ser interpretado em duas posições sintáticas: uma baixa, logo acima de VP; e outra alta, acima dos núcleos TP (do inglês: *temporal phrase*; no português: sintagma verbal). Em cada uma dessas posições são disponibilizadas variáveis de eventos diferentes, as quais os núcleos modais podem acessar: o evento VP é acessível aos modais de raiz; e o evento de fala é acessível aos modais altos, como o epistêmico. Essa proposta captura diferenças entre os tipos de modais em relação à flexão de tempo e aspecto e também em relação ao participante para o qual o modal é orientado. Um modal de raiz, por ser interpretado em posição baixa, carrega flexão de tempo e aspecto e é orientado a um dos participantes do evento VP (preferencialmente o sujeito da sentença). Já o modal alto (ModP<sub>Epistemic</sub>) ocupa uma posição acima dos núcleos TP<sub>(Past)</sub>, TP<sub>(Future)</sub> e TP<sub>(Anterior)</sub>, não carrega flexão de tempo e/ou aspecto e é interpretado no momento da enunciação, sendo orientado para um dos participantes do evento de fala (o falante). A proposta de Hacquard modifica levemente a de Kratzer (1981; 2012), ao relativizar os itens modais em relação a eventos, e não a mundos. Ao considerar que os eventos em relação aos quais os modais se relativizam ocupam diferentes posições na estrutura, Hacquard aproxima sua proposta à do modelo cartográfico, considerando o ordenamento dos núcleos funcionais que constam na hierarquia de Cinque (1999; 2006).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A autora toma por base a hierarquia de Cinque (1999; 2006), que localiza o núcleo modal epistêmico em posição alta, acima dos núcleos indicadores de tempo (TP(Past), TP(Future) e TP(Anterior)); e os modais de raiz (ModPObligation, ModPPermission e ModPAbility), em posição baixa, logo acima do núcleo VoiceP. Abaixo, transcrevemos parte da hierarquia de Cinque que mostra a posição de interpretação desses núcleos em relação a categorias de tempo e aspecto:

MoodSpeech act > MoodEvaluative > MoodEvidential > **ModEpistemic** > TP(Past) > TP(Future) > MoodPIrrealis > ModPAlethic > AspectHabitual > AspectRepetitive(I) > AspectFrequentative(I) > ModVolition > AspectCelerative(I) > TP(Anterior) >

O modal teleológico exhibe propriedades de um modal de raiz, interpretado em posição baixa. As sentenças do exemplo (11) mostram como esse item se comporta em relação à categoria tempo:

- (11) a. As pessoas têm que pegar um barco para visitar Alcatraz.
- b. As pessoas tiveram que pegar um barco para visitar Alcatraz.

Em ambas as sentenças do exemplo (11), o auxiliar modal tem leitura teleológica, figurando em uma construção que apresenta um meio (pegar um barco) para se atingir uma meta (visitar Alcatraz). Observe que, em (11b), o auxiliar “ter que” carrega marca de tempo (passado), indicando que a modalidade teleológica é interpretada abaixo da categoria  $TP_{(Past)}$ , podendo realizar alçamento para essa posição e, conseqüentemente, descrever um meio para se atingir uma meta em um tempo anterior ao momento da enunciação.

Um auxiliar modal teleológico é orientado, necessariamente, para um participante do evento VP, como mostram as sentenças do exemplo (12):

- (12) a. Maria tem que pagar o vestido à vista para receber o desconto.
- b. O vestido tem que ser pago à vista por Maria para ela receber o desconto.

Em (12a), o modal teleológico (ter que) é orientado para o

---

AspectTerminative > AspectContinuative > AspectRetrospective > AspectProximative > AspectDurative > AspectGeneric/  
Progressive > AspectProspective > **ModObligation** > **ModPermission/Ability** > AspectCompletive > VoiceP (CINQUE,  
2006, p. 12, grifo nosso)

sujeito da sentença (Maria), que indica o participante responsável por realizar a ação que corresponde ao meio (pagar o vestido à vista) para se atingir determinada meta (receber o desconto). Em (12b), a orientação do modal recai também sobre o participante Maria, que, nessa sentença, está exercendo a função de agente da passiva. As sentenças do exemplo (12) mostram que nem sempre um modal interpretado em posição baixa, como parece ser o caso do teleológico, é orientado para o participante que exerce a função de sujeito da sentença. Nesse sentido, torna-se relevante investigar se esse modal impõe algum tipo de restrição ao participante para o qual é orientado, aspecto que passamos a abordar a partir deste ponto.

As sentenças do exemplo (13), a seguir, mostram que o modal teleológico figura em construções em que os sujeitos das sentenças matriz e encaixada remetem a um mesmo referente, como em (13a), ou a referentes distintos, como em (13b):

- (13) a. Marta tem que retirar a ficha em torno das 4 horas da manhã para ser atendida por um médico.  
b. Marta tem que retirar a ficha em torno das 4 horas da manhã para a filha ser atendida por um médico.

Em (13a), o modal “ter que” é orientado para o sujeito da sentença matriz (Marta), que indica o participante que realiza o evento correspondente ao meio (retirar a ficha em torno das 4 horas da manhã) para se atingir uma meta (ser atendida por um médico). Note que, em (13a), Marta realiza um evento com o objetivo de beneficiar a si mesma; ela é, portanto, agente e beneficiária da construção envolvendo o modal teleológico. Essa relação não é obrigatória, como vemos em (13b), em que

o agente do evento que descreve o meio (Marta) é diferente do beneficiário (a filha de Marta) do evento que descreve a meta (ser atendida por um médico). O traço [+agente] parece não ser obrigatório ao participante sobre o qual recai a orientação do modal teleológico, como se depreende de construções em que o auxiliar modal “ter que” se combina com predicados estativos [-controle], como em (14), ou com inacusativos, como em (15), que não selecionam argumento com propriedades agentivas:

- (14) a. A pessoa tem que ser alta para fazer o teste para o time de basquete.  
b. [Tem que [*q* A pessoa ser alta] para [*p* fazer o teste para o time de basquete]]
- (15) a. O segurado tem que morrer para a família receber o benefício.  
b. [Tem que [*q* o segurado morrer] para [*p* a família receber o benefício]]

Em (14), o predicado estativo [-controle] “ser alta” seleciona um argumento (A pessoa) que não controla a propriedade descrita na sentença (BASSO; ILARI 2004). Em (15), o predicado sob o escopo do modal (morrer) apresenta propriedades inacusativas; logo, à semelhança do estativo “ser alta”, em (14), “morrer” também não é passível de controle. A possibilidade de um auxiliar modal com interpretação teleológica se combinar com predicados estativos [-controle] e com inacusativos, como nos exemplos, revela que esse modal pode ser orientado para um participante sem propriedades agentivas. Entretanto, como observam Von Fintel e Iatridou (2015, p. 18), a sentença *to-clause*, que integra a estrutura *anankastic conditional*, se combina apenas com VPs agentivos.

Por fim, observamos que a modalidade teleológica apresenta similaridades com a deôntica, não apenas em relação a poder carregar marca de tempo (ver exemplo (11b) acima), propriedade comum a todo item modal interpretado em posição baixa, mas também em relação à estrutura quando o auxiliar modal deôntico integra uma construção com uma sentença *to-clause*, como em (16a):

- (16) a. O motociclista tem que usar capacete para não ser multado.  
b. O motociclista tem que usar capacete para não se ferir gravemente.

O auxiliar modal “ter que”, em (16a), pode assumir interpretação deôntica (além da teleológica), uma vez que a não realização do evento sob seu escopo (O motociclista usar capacete) gera punição (multa), prevista no Código de Trânsito Brasileiro. Já em (16b), a interpretação deôntica não é disponibilizada ao modal, pois a sentença *to-clause* (para não se ferir gravemente) corresponde a uma meta para o meio descrito na sentença modal, e não a uma punição, caso o evento “o motociclista usar capacete” não se realize. A restrição à interpretação deôntica para o modal “ter que” em (16b) é evidenciada na baixa aceitabilidade da sentença (17):

- (17) Conforme o Código de Trânsito Brasileiro, o motociclista tem que usar capacete para não se ferir gravemente.

em que o sintagma “Conforme o Código de Trânsito Brasileiro” explicita a base modal deôntica a partir da qual o auxiliar “ter que” deve ser avaliado.

Embora a estrutura em que figura um item modal teleológico possa ser semelhante à de um deôntico quando nesta última ocorre a realização de uma sentença *to-clause*, esses itens diferem em relação à restrição que impõem ao participante para o qual são orientados. Como vimos acima, o modal teleológico não requer, necessariamente, um participante agentivo no evento sob o seu escopo; já o deôntico precisa checar o traço agentivo com um participante do evento ao qual o modal é relativizado (RECH; VARASCHIN, 2017; 2018). As sentenças dos exemplos a seguir ilustram outra importante diferença entre a modalidade teleológica e a deôntica *ought-to-do*, ambas correspondentes a modais de raiz:

- (18) a. Paulo tem que validar seu diploma de medicina no Brasil para trabalhar neste hospital.  
b. Paulo tem que validar seu diploma de medicina no Brasil.
- (19) a. João tem que manter distância da ex-mulher para não ser preso.  
b. João tem que manter distância da ex-mulher.

Em (18a), a interpretação teleológica é disponibilizada ao auxiliar modal “ter que”, uma vez que este figura em uma estrutura correspondente à construção *anankastic conditional*, com a realização de um auxiliar modal “dever” ou “ter que”, de um evento correspondente ao meio (a validação do diploma de medicina no Brasil) e de uma meta (trabalhar em determinado hospital). Em (18b), a leitura teleológica não está acessível para o modal “ter que”, que expressa aqui o desejo do falante, assumindo interpretação boulética. O que muda entre as sentenças (18a) e (18b) é que a primeira corresponde a uma

estrutura complexa, em que uma sentença descreve o meio, enquanto a outra descreve a meta; já (18b) corresponde a uma sentença simples. Diferentemente de (18a), o auxiliar modal “ter que”, em (19a), assume também leitura deôntica. A sentença *to-clause* pode, então, ser interpretada como uma “meta”, no caso de “ter que” corresponder a um modal teleológico; ou como a explicitação da pena pela não realização do evento sob o escopo do modal, no caso de “ter que” corresponder a um deôntico. Em (19b), sem a realização da sentença *to-clause*, a leitura teleológica não é disponibilizada para o modal, que pode ser interpretado como deôntico ou como boulético. Os exemplos acima mostram, portanto, que o modal teleológico, diferentemente dos demais modais de raiz, requer uma sentença complexa, selecionando, necessariamente, dois argumentos sentenciais: um correspondente ao meio; e outro, à meta.

### **3.3 Sobre a relação com a negação**

Em construções modais nas quais é disponibilizada a leitura teleológica, o operador de negação pode atuar sobre o item modal, como em (20b), ou sobre o evento descrito no VP, como em (20c):

- (20) a. Eu tenho que casar com a Maria para dar um jeito na minha vida.  
b. Eu não tenho que casar com a Maria para dar um jeito na minha vida.  
c. Eu tenho que não casar com a Maria para dar um jeito na minha vida.

De acordo com nossa hipótese, a negação inverte a força do item modal, que é especificada no léxico no caso do português. Em (20a), “ter que” é interpretado como um modal de necessidade, descrevendo o único meio para se atingir a meta “dar um jeito na minha vida”. A negação desse item modal, em (20b), não nega o fato de o evento “casar com a Maria” ser um meio para se atingir a meta “dar um jeito na minha vida”; o que se nega é o fato de esse evento constituir o único meio para se atingir a meta descrita; sob o escopo da negação, “ter que” com conotação teleológica passa a ser interpretado como um modal de possibilidade. É possível depreender, de (20b), que há outras formas de o enunciador dar um jeito na vida, além de “casar com a Maria”. A relação com a negação é importante para avaliarmos a definição apresentada para esse modal na literatura. De acordo com Copley (2010, p. 2 - ver nota de rodapé nº 6), o teleológico requer a apresentação de um único meio (q) para se atingir determinada meta (p), em que q é uma parte essencial para se obter p. O efeito da negação em (20b) coloca em xeque essa definição. Verifique que, ao enunciar (20b), o falante não nega que “casar com Maria” é um meio válido para se atingir a meta descrita, mas nega o fato de este ser o único meio possível. Os efeitos do emprego da negação em (20b) mostram, portanto, que a construção teleológica apresenta o melhor meio para se atingir determinada meta, e não o único, indo ao encontro da definição de von Stechow e Iatridou (2005, p.5).

Em (20c), o operador de negação tem escopo sobre o evento VP (Eu casar com a Maria), e não sobre o item modal (ter que). Nesse caso, é a não realização do evento VP que corresponde ao melhor meio para se atingir a meta descrita na sentença.

O exemplo (21b) ilustra a negação operando sobre um

deôntico do tipo *ought-to-do*, também interpretado em posição baixa na estrutura (HACQUARD, 2006; RECH; VARASCHIN, 2017; 2018):

- (21) a. Raquel tem que trabalhar no domingo.  
b. Raquel não tem que trabalhar no domingo.

Na sentença (21b), o operador de negação tem escopo sobre o item indicador de modalidade deôntica “ter que”. À semelhança do que ocorre em (20b), em (21b) a negação não altera o tipo de modalidade, e sim a força modal de “ter que”: de necessidade para possibilidade. Assim, (21b) nega a força de necessidade do evento Raquel trabalhar no domingo, indicando que existe pelo menos um mundo em que Raquel não trabalhe no domingo. Logo, o deôntico “ter que” sob o escopo da negação parece sofrer os mesmos efeitos do modal teleológico: a inversão da sua força modal. Esse ponto precisa, entretanto, ser melhor investigado, não apenas em relação ao modal teleológico e ao deôntico, mas também em relação a outras conotações modais, o que intentamos fazer em pesquisas futuras.

## Considerações finais

Neste artigo, abordamos a modalidade teleológica, apresentando algumas de suas propriedades. Inicialmente, discutimos aspectos relativos à sua definição, tendo como parâmetro a construção gramatical conhecida como *anankastic conditional*. Na sequência, analisamos um auxiliar modal com interpretação teleológica quanto à relação entre meio e meta, orientação modal e coocorrência com a negação.

Em relação ao primeiro desses fatores, verificamos que um modal teleológico pode relacionar um único meio a apenas uma meta ou a mais de uma meta ou, ainda, apresentar mais de um meio para se atingir uma única meta.

Quanto à orientação do modal teleológico, mostramos que ele remete a um participante que integra o evento descrito pelo VP, uma vez que esse modal é interpretado em posição baixa na estrutura. Constatamos que um auxiliar modal com interpretação teleológica não impõe restrições ao participante para o qual é orientado; como consequência, pode formar sequência com quaisquer predicados, inclusive com estativos [-controle] e com inacusativos, que não selecionam argumento agentivo. Cabe observar, ainda, que uma estrutura com o modal teleológico exibe, necessariamente, um beneficiário na *if-clause* ou *to-clause*.

Por fim, analisamos construções com o modal teleológico “ter que” sob o escopo da negação. Constatamos que, à semelhança do que ocorre em construções com “ter que” deôntico do tipo *ought-to-do*, a negação que opera sobre o teleológico não nega a ideia desse modal, e sim a sua força (de necessidade). Dessa forma, a relação passa a ser entre o (melhor) meio e a meta. Como consequência, quando um item de negação opera sobre o auxiliar modal teleológico, o que é negado é a biunivocidade dessa relação.

## Referências

BASSO, R.; ILARI, R. Estativos e suas características. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s. l.], v. 4, n. 1, 2004, p. 15-26.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads**: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, G. Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures. New York: Oxford University Press, 2006. v.4.

COPLEY, Bridget. Towards a teleological model for modals. *In*: CNRS, 8., 2010, Paris. **Paris working sessions on modality, goals, and events**. Paris: Sfl, 2010. p. 1-14.

FRANKIE, M. **Teleological necessity and only**. 2006. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/254703235\\_Teleological\\_Necessity\\_and\\_Only](https://www.researchgate.net/publication/254703235_Teleological_Necessity_and_Only)>. Acesso em: 5 fev. 2020.

HACQUARD, V. **Aspects of modality**. 2006. Tese (Doctor of Philosophy in Linguistics) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.

HACQUARD, V. On the event relativity of modal auxiliaries. **Natural Language Semantics**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 79-114, 2010.

KRATZER, A. **Modals and conditionals**. New York: Oxford University Press, 2012.

KRATZER, A. The notional category of modality. *In*: EIKMEYER, H.-J.; RIESER, H. (org.) **Word, worlds, and contexts**: new approaches to word semantics. Berlin: W. de Gruyter, 1981. p. 38-74.

RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Predicados estativos e os tipos de deôntico: ought-to-do e ought-to-be. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 1, p. 159-177, 2018.

RECH, N. F.; VARASCHIN, G. Predicados inacusativos e a modalidade deôntica. **Revista Letras**, Curitiba, n. 96, p. 219-238, 2017.

SÆBØ, Kjell Johan. **Anankastic conditionals**: if you want to go to Harlem. University of Oslo, 2017. Chapter 61. Disponível

em: <<https://www.hf.uio.no/ilos/english/people/aca/kjelljs/chapter61.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SÆBØ, Kjell Johan. Necessary conditions in a natural language. *In*: F'ERY, Caroline; STERNEFELD, Wolfgang (ed.). *Audiatur vox sapientiae*: a festchrift for arnim von stechow. Akademie Verlag, 2001. p. 427-449. (Preprint). Disponível em: <<http://vivaldi.sfs.nphil.uni-tuebingen.de/~arnim10/Festschrift/Saeboe-8-komplett%20fertig.pdf>>. Acesso em: 20 de fev. de 2020.

VON FINTEL, Kai; IATRIDOU, Sabine. **What to do if you want to go to Harlem**: anankastic conditionals and related matters. Massachusetts Institute of Technology, 2005. (Manuscript). Disponível em: <<http://web.mit.edu/fintel/fintel-iatridou-2005-harlem.pdf>>. Acesso em: 20 de fev. de 2020.